

O ENSINO E O SABER GEOGRÁFICO NO ÂMBITO DA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA.

Guilherme dos Santos Claudino¹

¹Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, Presidente Prudente - SP

E-mail: guilhermecaludinogeo@gmail.com

Resumo

A geografia no Brasil já conta com uma numerosa e heterogênea produção de dissertações e teses, resultado dos programas de pós-graduação em geografia e de todo patrimônio econômico e político das últimas décadas. Neste universo, um número significativo de estudos se detiveram à compreensão da *história* e das questões *teórico-conceituais do saber geográfico*. Este saber, que é uma síntese do pensamento e do conhecimento geográfico é, assim, um objeto de investigação que desenhou na geografia acadêmica brasileira um *tema de investigação*. Este tema, expresso em dissertações e teses, conduziu nosso objetivo geral, o de buscar, ler e analisar esses trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação, em estudos de *Teoria, Método e História do Pensamento Geográfico*. O texto ora apresentado expõe uma compreensão metodológica de como encarar esses estudos, objetivando-os como objetos de investigação.

Palavras chave: Pós-graduação no Brasil; dissertações e teses; saber geográfico

THE TEACHING AND THE GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE IN THE FRAMEWORK OF THE BRAZILIAN POSTGRADUATE.

Abstract

Geography in Brazil already has a significant production of dissertations and theses, results of postgraduate programs in geography and all of the economic and political heritage of the past decades. In this universe, a significant number of studies have led to the understanding of *history* and of *theoretical and conceptual issues of geographic knowledge*. This knowledge, which is a synthesis of thought and geographical knowledge, is thus an object of research that drew on the Brazilian academic geography as a *research topic*. This research theme, expressed in dissertations and theses, has led to our overall objective, to seek, read, and analyze theses and dissertations in postgraduate programs in Geography of Brazil in studies of *Theory, Method and History Geographic Thought*. The text presented here presents a methodological understanding of how to approach these studies, objectifying them as objects of investigation.

Keywords: Postgraduate in Brazil; dissertation and theses; geographic knowledge.

LA ENSEÑANZA Y EL SABER GEOGRÁFICO EN EL ÁMBITO DE LA POST-GRADUACIÓN BRASILEÑA.

Resumen

La Geografía en Brasil ya cuenta con una importante producción de disertaciones y tesis, resultado de los programas de postgrado en Geografía y de todo el patrimonio económico y político de las últimas décadas. En este universo, un número significativo de estudios se han dirigido a la comprensión de la *historia* y de las *cuestiones teóricas y conceptuales del saber geográfico*. Este saber, que es una síntesis del pensamiento y conocimiento geográfico, es, así, un objeto de investigación que se dibujó en la geografía académica brasileña como un *tema de investigación*. Esta temática, expresada en las disertaciones y tesis, ha llevado a nuestro objetivo general, el de buscar leer y analizar las tesis y disertaciones en los programas de postgrado en Geografía de Brasil en los estudios de la *Teoría, el Método y la Historia del Pensamiento Geográfico*. El texto que aquí se presenta expone una comprensión

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 06, v. 01, p. 65-76, mês nov. Ano 2018.

ISSN: 1984-1647

metodológica de cómo mirar estos estudios, como objetos de investigación.

Palabras clave: Postgrado en Brasil; disertaciones y tesis; saber geográfico

Introdução

Atualmente, no Brasil, há divisões entre os produtos das etapas acadêmicas concluídas por estudantes. Essas etapas ou níveis, distribuem-se em graduação, mestrado e doutorado. À primeira tem-se como produto uma monografia, à segunda dissertação, à terceira tese. Isso não descarta, entretanto, que não possa haver uma tese em um trabalho de mestrado ou o contrário. Os autores, em concordância com o regimento em vigor no momento de confecção de seus trabalhos, denominam a que tipo de “etapa” referem-se suas reflexões, ou seja, nomeiam-na de monografia, dissertação e, por último, de uma tese. Fato esse registrado que se encontra tanto no corpo dos trabalhos como nos catálogos onde estão depositados. Este trabalho, por sua vez, detém-se e apresenta alguns dados da produção de dissertações e teses no Brasil, cujo enfoque são os estudos sobre o *saber geográfico como objeto*.

Para tratar deste tema foi necessário seguir dois caminhos. O primeiro dirigiu-se a exposição das relações entre conhecimento, pensamento e o desdobramento destes em saber. O segundo consistiu em apresentar um pouco do histórico da produção de dissertações e teses no Brasil. O caminho de formação dos intelectuais deixa nas fileiras das instantes das bibliotecas universitárias um patrimônio material e imaterial interessante à pesquisa. Acordar essas ideias e espíritos adormecidos ao mesmo tempo reconhecendo uma geografia produzida no Brasil é o objetivo do trabalho ora apresentado.

Conhecer, pensar e saber

Há uma relação e dependência destas faculdades, coexistem. Seus significados e, conseqüentemente, relações, são íntimos, de difícil separação, mas que não se confundem. Em todos os gêneros possíveis do saber estão presentes, e a geografia não escapa da regra. Um conhecer, pensar e saber geográfico não se circunscreve, necessariamente, à geografia de perfil científico. Manifesta-se, nasce, resinifica-se também em saberes populares, na filosofia, e, também, no plano do religioso. Dependente, é verdade, do tempo histórico a que pertence, dos diferentes grupos e da condição espacial de que vem a surgir.

Essas três faculdades, quando materializadas em livros, revistas, esculturas, dissertações e teses, entre outras manifestações, tornam-se, assim, objetos de investigação. Na geografia em especial o estudo deste tipo de objeto é comumente investigado em seu

aspecto histórico, conhecido como *história do pensamento geográfico*, ou, quando a validade de tal saber é colocada em questão, de *epistemologia da geografia*¹. Nas últimas décadas esse exercício investigativo de compreensão do geográfico na sociedade em geral ganha outros modos e estratégias de investigação². Embora em número bem menor que outros gêneros de pesquisas no interior da geografia, em termos de Brasil houve um expressivo e particular aumento no número de pesquisadores e, concomitantemente, de obras produzidas nesse auspicioso seguimento investigativo - *da história dos saberes geográficos*.

Detemo-nos neste texto em dissertações e teses. Todavia, no momento de busca destes trabalhos, algumas questões suspenderam-se, quais sejam: os geógrafos realizaram investigações de pensamentos ou conhecimentos? São esses dois verbetes sinônimos? Caso não, quais são suas diferenças e, conseqüentemente, o modo de estudá-las? Optamos, contudo, pelo termo *saber*, entendendo-o como uma síntese do *conhecer* e do *pensar*.

Para Hannah Arendt, num exercício de distinção destes dois últimos, o conhecimento almeja a busca da verdade, mesmo uma verdade constantemente mutável. Já o pensamento detém-se ao significado, “daí se depreende que o pensamento é como a teia de Penélope, desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior”³. Em uma linguagem mais clara, Arendt diferencia o conhecer do pensar do seguinte modo:

Pois nosso desejo de conhecer, quer surja de perplexidades práticas ou puramente teóricas, é saciado quando atinge o objetivo prescrito; e enquanto a sede de conhecimento pode ser ela mesma inesgotável em virtude da imensidão do desconhecido, a própria atividade deixa atrás de si um tesouro crescente de conhecimento que é retido e armazenado por toda a civilização como parte integrante de seu mundo. O fracasso dessa acumulação e da especialização técnica necessária para conservá-la e aumentá-la tem como consequência o fim desse mundo particular. A atividade do pensamento, ao contrário, não deixa nada de tangível em seu rastro, e, portanto, a necessidade de pensar não pode nunca ser exaurida pelos *insights* dos “homens sábios”.⁴

O conhecimento, segundo a abordagem arendtiana, detém uma concretude material e cultural a qual o pensamento por sua tenuidade nos foge, considerando-se, neste caso, ambos como objetos. O pensamento, aliás, é uma expressão de significação múltipla⁵, o que abrange ainda mais o desafio de sua compreensão. Em termos de geografia basta olharmos para a imensa e heterogênea bibliografia sobre o tema, embora, quase todas, detendo-se à

¹ Poderíamos numerar outros termos que os geógrafos recorrem, como por exemplo ontologia, sociologia do conhecimento, gnosiologia, teoria e método etc.

² Como por exemplo a geografia do conhecimento, empreendida por geógrafos como David Livingstone (2003) e Charles W.J. Withers (2001).

³ Arendt, 2000, p. 69.

⁴ Arendt, 2000, p. 49.

⁵ Ricken, 2005; Morin 2012.

história de escolas, correntes, matrizes, geógrafos em diversos lugares, como por exemplo: *Il Pensiero geografico* de Osvaldo Baldacci, de 1975, referente a geografia italiana; *Pensamiento geografico* de Isbelia Sequera de Segnini, publicado em 1979, sobre a geografia em Caracas, na Venezuela; o clássico livro de Josefina Gómez Mendoza *El Pensamiento geografico: estudio interpretativo y antología de textos: de Humboldt a las tendencias radicales*, de 1982; O volume II dos Opúsculos Geográficos de Orlando Ribeiro denominado *O Pensamento Geográfico* de 1989; Eliseu Savério Sposito *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*, de 2004; a extensa trilogia escrita por Ruy Moreira *O pensamento Geográfico Brasileiro*⁶; *Geographic thought: a critical introduction* de Tim Cresswell em 2012; *Geographical Thought*, de 2013, pelo indiano Ramesh Dutta Dikshit. Poderíamos, assim, numerar outras tantas.

O conhecimento geográfico, tão logo, também recebe muitas designações. Conhecimento geográfico, antes de qualquer coisa, muitas vezes não aparece com este nome nos textos dos geógrafos. Há referências, por exemplo, a *horizonte geográfico, saber geográfico, o mundo conhecido*, até mesmo o *pensamento geográfico* aparece em substituição ao conhecimento geográfico, bem como o clássico termo *ecúmeno*. Uma constelação de geógrafos, de diferentes modos, detiveram-se a entender o conhecimento geográfico do ponto de vista epistemológico, a exemplo John Kirtland Wright, em sua famosa palestra sobre a imaginação geográfica⁷ de 1947, Éric Dardel mirando os modos de compreender a realidade geográfica⁸, Milton Santos em *A Natureza do Espaço*⁹. Soma-se a estes as reflexões de Armando Correia da Silva, entendendo as categorias geográficas como fundamento do conhecimento geográfico¹⁰, bem como Sandra Lencioni¹¹. Já em uma abordagem que considera o capitalismo e suas artimanhas nas determinações do conhecimento geográfico Bottomore¹² (2001) e Carlos¹³ (2002) se destacam.

Entendemos que alguns geógrafos optaram pelo termo *conhecimento geográfico* e outros pelo *pensamento geográfico* para a realizações de pesquisas históricas e teórico-conceituais do geográfico em tempos e sociedades as mais diversas, muitas vezes sem um debate mais aprofundado do que esses termos denotam. De todo modo, independentemente da nomenclatura, esses estudos foram realizados, e é neles que concentramos nossa atenção.

⁶ Moreira, 2008, 2009, 2010.

⁷ Wright, 2014 [1946].

⁸ Dardel, 2011 [1952].

⁹ Santos, 2006 [1996].

¹⁰ Silva, 1986.

¹¹ Lencione, 2009 [1999].

¹² Bottomore, 2001.

¹³ Carlos, 2002.

Em contrapartida, acreditamos que o termo *saber geográfico* é mais completo, compreendendo-o como uma síntese do conhecer e do pensar, como já mencionado.

Segundo a bibliografia existente¹⁴ o saber se define *como um conjunto* de conhecimentos agrupados, que da identidade a um grupo (saber indígena, científico, religioso etc). O saber, também, “está essencialmente ligado à questão do poder, na medida em que, a partir da idade clássica, por meio do discurso da racionalidade – isto é, a separação entre o científico e o não científico, entre o normal e o anormal – vai-se efetuar uma ordenação geral do mundo”¹⁵. Ocasionalmente, desse modo, “a disciplinarização do mundo por meio da produção de saberes locais”¹⁶. Soma-se, ainda, o que Ednaceli Mota¹⁷ baseada em John Grote¹⁸ menciona:

John Grote estabeleceu a distinção entre *conhecimento* e saber, afirmando que o primeiro se refere simplesmente a uma familiaridade com o objeto conhecido; já o segundo é mais intelectual, admite conceitos, juízos do objeto conhecido. Essa distinção de Grote, nos parece num primeiro momento, o contrário do que hoje se entende dentro de uma academia por conhecimento, onde este é mais intelectual do que o saber, sendo este último o mundo apenas das sensações.¹⁹

Com essas breves argumentações podemos afirmar que a “palavra *conhecimento* cabe dentro da palavra *saber* e não o contrário”²⁰. Por estes elementos optamos pelo termo *saber geográfico*. Isso não significa que a utilização dos termos *pensamento geográfico* e *conhecimento geográfico* estejam equivocados, julgamos, contudo, que ao nosso respectivo objeto são insuficientes.

Vamos agora, de modo breve, apresentar alguns aspectos históricos da produção de dissertações e teses no Brasil para, em seguida, tocar no *histórico, teórico-conceitual e propositivo* desta produção, *ambos na condição de objetos*.

Dissertações e teses no Brasil

O primeiro trabalho em geografia no Brasil, a partir do que chamamos de pós-graduação, cuja denominação é de uma dissertação de mestrado foi concluído em 1965, no Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP). Essa dissertação foi realizada por Uivão Pegaia, denominada *A rede Bancária da cidade de São Paulo: aspectos*

¹⁴ Grote, 1856; James, 1911; Zubiri, 1974 [1935]; Ortega y Gasset, 1997 [1958]; Japiassu, 1992; Foucault, 2005 [1959].

¹⁵ Revel, 2002, p. 77.

¹⁶ Revel, 2002, p. 77.

¹⁷ Mota, 2005.

¹⁸ Grote, 1856.

¹⁹ Mota, 2005, p. 46.

²⁰ Mota, 2005.

geográficos sob orientação de Aroldo Edgard de Azevedo. Vale esclarecer que o formato de pós-graduação atualmente vigente teve início em 1969 a partir, então, da criação promovida pelo MEC (Ministério da Educação) dos cursos de pós-graduação. O curso de geografia na USP, no entanto, já desenvolvia orientação e conseqüentemente defesas de doutorado e posteriormente mestrado anteriormente a criação dos cursos efetivados pelo MEC.

Somente em 1975, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, ocorrerá quatro defesas conjuntas, que não apenas à USP. São essas: Dieter Carl Ernst Heino com o trabalho *Análise ambiental no sistema costeiro oriental do Estado do Rio de Janeiro*, sob orientação do geógrafo Jorge Xavier da Silva; Elmo da Silva Amador - *Estratigrafia e sedimentação na Bacia de Resende (RJ)*, sob orientação do geógrafo João José Bigarella; Marina Del Negro Coque Sant'Ana – *Elaboração de um modelo de estrutura espacial para o sistema administrativo no novo Estado do Rio de Janeiro* sob orientação da geógrafa Lysia Bernardes e por último Marlene Pereira de Vasconcelos Teixeira – *Padrões de ligações e sistema urbano – uma análise aplicada aos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro*, sob orientação do geógrafo Roberto Lobato Azevedo Corrêa, respectivamente.

Após este período a produção de dissertações e teses foi se ampliando pouco a pouco em novas instituições que foram sendo criadas. No final do século XX, precisamente no ano de 1997, somava-se 11 programas de pós-graduação em geografia no Brasil: UFBA²¹, UFG²², UFMG²³, UFPE²⁴, UFRJ²⁵, UFSC²⁶, FUFSE (UFS)²⁷, UNESP (P.P)²⁸, UNESP (R.C)²⁹, USP (G.F)³⁰ e USP (G.H)³¹, totalizando-se 1.052 dissertações de mestrado defendidas. A geografia acadêmica brasileira já contava, então, com lugares distintos para conhecer e pensar o Brasil, há, em termos precisos, um saber geográfico cristalizado em dissertações e teses.

Já mencionamos que a pós-graduação em geografia propriamente dita surgiu apenas em 1969, no entanto já havia um processo de iniciação à titulação de doutoramento na Universidade de São Paulo – USP a partir de 1930. Não havendo, necessariamente, a necessidade de um orientador, esse sistema permaneceu até a década de 1960.

²¹ Universidade Federal da Bahia.

²² Universidade Federal de Goiás.

²³ Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁴ Universidade Federal de Pernambuco.

²⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²⁶ Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁷ Universidade Federal de Sergipe.

²⁸ Universidade Estadual Paulista campus de Presidente Prudente.

²⁹ Universidade Estadual Paulista campus de Rio Claro.

³⁰ Universidade de São Paulo (Geografia Física).

³¹ Universidade de São Paulo (Geografia Humana).

As teses, através do sistema que vigorou até finais da década de 1950, foram defendidas anteriormente as dissertações que mencionamos acima na década de 1960. Coube a Pierre Monbeig, na Universidade de São Paulo –USP, orientar os primeiros doutores em Geografia no Brasil nos anos de 1940. A primeira tese orientada por Monbeig, bem como a primeira tese defendida no Brasil foi feita por Maria Conceição Vicente de Carvalho, em 1944, denominada *Santos e a Geografia Humana no Litoral Paulista*. Monbeig orientou também: Ary França – *Estudo sobre o clima da bacia de São Paulo* (1945); Nice Lecocq Muller - *Tipos de situações em algumas regiões do Estado de São Paulo* (1946); João Dias da Silveira – *Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira* (1946); Renato Silveira Mendes - *Paisagens culturais da baixada santista* (1948). Fora desses dois programas somente em 1987, 43 anos depois, na Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, que ocorrerá outra defesa de tese que não na USP. Esta tese pertence a Mauro Sergio Fernandes Argento – *A contribuição dos sistemas Cristalino e Barreira na Formação da Planície Deltaica do Paraíba do Sul*, sob orientação do geógrafo Antonio Christofolletti. A USP e a UNESP (R.C), na formação de doutores em geografia no Brasil, permaneceram as únicas até 1995, quando então a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ já formadora de mestres adentra ao prélio.

De 1944 até 1997 foram, ao todo, 277 doutores formados em apenas quatro programas de pós-graduação o que corresponde, se partirmos desde a primeira defesa, 53 anos de pós-graduação em geografia no Brasil. Após este período, com os respectivos governos Lula e posteriormente Dilma, a criação de universidades e de programas de pós-graduação mais que dobrou, dado que em 2014 a geografia brasileira formava em torno de 1.000³² pós-graduandos no ano entre mestres e doutores em geografia.

O saber geográfico como objeto

A produção de dissertações e teses no Brasil, que alcançou o número de 11.521 trabalhos até 2014³³, caracteriza-se, essencialmente, por estudos de caráter empírico, isso não quer dizer, necessariamente, que os investigadores não tenham se utilizado de conceitos, categorias, teorias, etc., tão pouco dizer que outros foram apenas “teóricos”. Como dissemos nas linhas anteriores há trabalhos que se dedicaram à compreensão do geográfico e da determinação ou não deste na sociedade em geral, seja no tempo de alhures ou no período

³² Censo realizado pelo autor.

³³ Censo realizado pelo autor.

de então. Esses trabalhos conhecidos por integrarem um tipo de pesquisa denominada de história do pensamento geográfico diferenciam-se destes, que buscam entender uma determinada região, uma comunidade, por exemplo.

A expressão *saber geográfico como objeto*, além de integrar o termo conhecimento e pensamento como já dissemos, agrega dois universos de investigação altamente relacionados, mas com objetivos diferentes. O primeiro universo é o *histórico*, compreendendo toda possibilidade de análise histórica do geográfico no tempo³⁴. O segundo universo é constituído por três elementos, é *teórico-conceitual e propositivo*. Este segundo, mais movediço, não se ocupa unicamente do estudo de conceitos e categorias da geografia, dedica-se ainda ao *modos* de estudá-los, do *papel e limites* tal como a *origem* do conhecimento geográfico. Detendo-se as relações da geografia com a arte e o senso comum, à geografia no rol das outras ciências e do papel político deste gênero do saber em sociedade, papel que cabe, entre outros, à sociologia do conhecimento, epistemologia, ontologia, gnosiologia/teoria do conhecimento etc. O termo *propositivo* representa aqueles estudos, mais raros, que propõe teorias, conceitos etc. Em resumo, o saber geográfico como objeto, no nosso entender, é investigado por esses dois caminhos, *histórico* e *teórico-conceitual-propositivo*. Cabe apenas lembrar, novamente, que esses dois universos se relacionam nas pesquisas, mas que, geralmente, um se sobressai em detrimento ao outro. O saber geográfico que é transmitido e modificado no marchar da história é, hoje, objeto de questionamentos e portanto de pesquisas. No quadro 1 é descrito a quantidade de dissertações e teses que se ocuparam da compreensão do saber geográfico bem como sua expressividade em relação ao total.

Quadro 1: Número de Dissertações e Teses: Totalidade e Saber Geográfico até 2014.

Tipo	Anos	Totalidade	Saber Geográfico como Objeto
DISSERTAÇÕES	1965-2014	8.943	235
TESES	1944-2014	2.578	146
Total		11.521	381

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de teses da CAPES (1986- 1997).

Este quadro demonstra a quantidade de dissertações e teses concluídas até o ano de 2014. Apresenta também o número de defesas que tiveram o saber geográfico como objeto,

³⁴ Horácio Capel desenvolveu uma extensa reflexão sobre as histórias da geografia no Número: 84 de dezembro de 1989 da revista *GeoCrítica*, com uma bibliografia vasta sobre a temática, além de estudos propriamente dito sobre a história da geografia Capel (1991; 2012) e conceitos Capel (2016).

neste caso são trabalhos, repetindo, sobre a história do pensamento geográfico, epistemologia, e teoria e método da geografia. É possível observar, através dos dados, que estudos dessa natureza são bem menores em comparação com o todo da geografia brasileira.

Do ponto de vista metodológico e de relato é importante lembrar que iniciamos a busca a partir de 1944, buscando trabalhos históricos e teórico-conceituais do saber geográfico. Realizamos este levantamento até 2014, à época com 58 programas de pós-graduação. Organizamos todo este material por meio do programa *EXCEL 2013*, cujas variáveis foram: nome do autor, título do trabalho, tipo do trabalho (se é uma dissertação ou tese), instituição de defesa, ano de defesa, orientador (neste caso, quando houve coorientação, consideramos apenas o primeiro orientador), banca examinadora, palavras-chave, estado da federação que pertence a instituição.) De todas estas variáveis, a banca examinadora foi a que mais demandou estratégias de busca.

Cada uma destas variáveis nos possibilitou construir quadros, mapas, gráficos e tabelas de cada qual. Foi possível, por exemplo, ver o tipo de pesquisa mais predominante em determinada instituição, aqueles geógrafos que mais tiveram orientações etc.

Conclusões

Os estudos *históricos* e *teórico-conceitual-propositivo* do *saber geográfico* são diversos em suas temáticas e também no período do tempo considerado. Os objetos pesquisados variam de investigações biográficas de geógrafos do Velho Mundo a personalidades nacionais, geógrafos como Humboldt e Milton Santos se destacam como geógrafos mais estudados, depois dos geógrafos os filósofos são o que mais receberam atenção destes estudiosos, Kant, neste aspecto, lidera. Nas investigações que se detiveram aos conceitos e categorias identificamos um relativo equilíbrio entre esses estudos, girando em torno de sete a nove trabalhos por conceito (espaço, região, território, lugar, paisagem etc.). De modo geral os estudos históricos superam os teórico-conceituais e propositivos em termos numéricos. Cabe destacar, também, que em decorrência do maior número de universidades na região Sudeste do Brasil, esses estudos e pesquisadores concentram-se, em sua maior parte, nesse quadrante territorial.

Referências Bibliográficas

AMADOR, E. S. **Estratigrafia e sedimentação da Bacia de Resende**. 1975, 166 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

ARENDETT, H. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Relume Dumará, Rio de Janeiro 2.v, 2000.

ARGENTO, M. S. F. **A contribuição dos sistemas Cristalino e Barreira na Formação da Planície Deltaica do Paraíba do Sul**. 1987, 2.v. Tese, UNESP, Rio Claro.

BALDACCI, O. **Il pensiero geográfico**. Brescia: La Scuola, 1975.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Editora Jorge Zahar, 2001.

CAPEL, H. Historia de las ciencias e historia de las disciplinas científicas. Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia de la geografía *Geo Crítica*. **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**. Universidad de Barcelona, núm. 84, diciembre 1989, 68 p. <<http://www.ub.es/geocrit/geo84.htm>>.

CAPEL, H. Factores sociales y desarrollo de la ciencia: el papel de las comunidades científicas. In VALERA, M. y LOPEZ, C. (eds.): **Actas del V Congreso de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas**. Murcia/Barcelona: DM/PPU, 1991, tomo I, p. 185-228.

_____. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**. Una introducción a la Geografía. (Edición ampliada). Barcelona: Ediciones del Serbal, 2012.

_____. Las ciencias sociales y el estudio del territorio. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 de febrero de 2016, Vol. XXI, nº 1.149 <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1149.pdf>>.

CARLOS, A. F. A. **A Geografia Brasileira Hoje: Algumas Reflexões**. Terra Livre, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 161-178, 2002.

CARVALHO, M. C. V. **Santos e a Geografia Humana no Litoral Paulista**. 1944, 219 f. Tese, USP, São Paulo.

CRESSWELL, T. **Geographic Thought: A Critical Introduction**. Wiley-Blackwell, 2012.

DARDEL, E. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução Werther. Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIKSHIT, R. D. **Geographical Thought**. Prentice-Hall of India Pvt. Ltd, 2013.

FOULCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tra: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRANÇA, A. **Estudo do Clima da bacia de São Paulo**. 1945, Tese. USP, São Paulo.

GROTE, J. *Exploratio Philosophica*. In Lalande, André. **Vocabulário Técnico e Crítica da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HEINO, D. C. E. **Análise ambiental no sistema costeiro oriental do Estado do Rio de Janeiro**. 1975. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

JAMES, W. **The Meaning of Truth**. New York: Longman Green and Co, 1911.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora Edusp, 2009.

LIVINGSTONE, D. **Putting Science in this Place: Geographies of Scientific Knowledge**. ThW University of Chicago Press, Chicago. 2003.

MENDES, R. S. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense**. 1948, 171 f. Tese. USP, São Paulo.

MENDOZA, J. G. **El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y ontología de texto: de Humboldt a las tendencias radicales**. Madrid: Alianza, 1982.

MOREIRA, R. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 1: As matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 2: As matrizes da renovação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 3: As matrizes brasileiras**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MORIN, E. **O método 3: O conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

MOTA, E. A. D. **Saberes e Conhecimentos docentes: experiências da formação e experiências da profissão**. 2005, 298 f. Dissertação, UNICAMP, São Paulo.

MÜLLER, N. L. **Tipos de sítios em algumas regiões do Estado de São Paulo**. 1946, 171 f. Tese, USP, São Paulo.

ORTEGA Y GASSET, J. **Que és Filosofia?** Madrid: Alianza Editorial, 1997.

PEGAIA, U. **A rede Bancária da cidade de São Paulo: aspectos geográficos**. 1965, Dissertação, USP, São Paulo.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tra: Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, O. **Opúsculos Geográficos II: O pensamento geográfico**. Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

RICKEN, F. **Dicionário de Teoria do Conhecimento e Metafísica**. Editora Unisinos, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. Editora Hucitec, São Paulo, 2006.

SANT'ANNA, M. D-N. C. **Elaboração de um modelo de estrutura espacial para o sistema administrativo do novo estado do Rio de Janeiro**. 1975, 99 f. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

SEGNINI, I. S. **Pensamiento geográfico**. Caracas: Ediciones de la Facultad de Humanidades y Educación, Instituto de Geografía y Desarrollo Regional, Universidad de Venezuela, 1979.

SILVA, A. C. As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. A. (Orgs.). **Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVEIRA, J. D. **Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira**. 1946, 128 f. Tese, USP, São Paulo.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. Editora UNESP, 2004.

TEIXEIRA, M. P.V. **Padrões de ligações e sistema urbano: uma análise aplicada aos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro**. 1975, 83 f. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

WITHERS, C. **Geography, Science and National Identity: Scotland since 1520**. Cambridge University Press, 2001.

WRIGHT, J. K. *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography*. Trd: Letícia Pádua. **Geograficidade** v.4, n.2, Inverno2014. <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/190>.

ZUBIRI, X. **Naturaleza, História, Dios**. 5. Ed. Madrid: Editora Nacional, 1974.